



O inimigo conhece o sistema

Autor:

Marta Peirano

Leitor: Rodrigo Petronio

Marta Peirano se define como uma influencer especializada em ciência, tecnologia e cultura digital. E define o ambiente das redes seria um “ecossistema definitivo para a vigilância e a manipulação de milhões de pessoas”. Seu trabalho como jornalista, pesquisadora e ensaísta tem sido identificar as “mudanças climáticas desse ecossistema virtual”.

Em 2015, Peirano publicou O pequeno livro vermelho do ativista na rede, com prólogo de Edward Snowden. O subtítulo: Introdução à criptografia pra redações, whistleblowers, ativistas, dissidentes e pessoas humanas em geral. Este se tornou um livro de referencia para net-ativistas e interessados em temas relacionados às redes, internet e poder. Esta sua nova obra, El Enemigo Conoce el Sistema: Manipulación de ideas, personas e influencias después de la economía de la atención, aborda o mesmo tema, mas com um aprofundamento maior e uma quantidade de pesquisa mais extensa.

A obra é dividida nas seguintes partes: Vício, Infraestruturas, Vigilância, Algoritmo, Revolução, O Modelo de Negócios, Manipulação. Inserida dentro de um dos debates mais importantes do mundo contemporâneo, a jornalista e pesquisadora Marta Peirano investiga em detalhes os atuais sistemas de controle mundiais baseados na informação e nas novas tecnologias. Isso demonstra o compromisso que a autora mantém com essa linha de investigação.

O título é inspirado em Claude Eldwood Shannon, um dos pais da cibernética, a ciência geral dos sistemas e da informação, criada em meados do século XX. A autora altera o sentido da frase. Para Shannon, quando um sistema passa a ser usado, um dia será decodificado e conhecido pelo inimigo. Para a autora, quem cria o sistema não compartilha as chaves de acesso com quem o utiliza e, portanto, os criadores dos sistemas sempre serão os inimigos. A economia da atenção, expressa no subtítulo, diz respeito a um novo ramo de investimento do capitalismo: a atenção contínua desenvolvida nos usuários da internet.

A parte Infraestruturas aborda o surgimento da internet e seu novo projeto colonizador de todo planeta. Mostra as articulações entre a cultura do self made man e do empreendedorismo como formadora dessa nova lógica informacional da tecnosfera. A parte Vigilância adentra os mecanismos sutis utilizados pela captura e a prospecção de dados dos internautas. Depois da “banalidade do mal”, identificada por Hannah Arendt a partir do caso Eichmann e do Holocausto, estaríamos ingressando agora em uma “banalização da vigilância”. Esta nova ditadura é baseada no mais soberano de todos os Estados: a nuvem. A China seria o primeiro modelo de um Estado que compreendeu a eficiência da ditadura digital desse novo mundo. Mas essa ditadura é financiada por oligarquias transnacionais. Não se restringe a Estados ou a governos A parte Algoritmo inspeciona o funcionamento desses números-padrões capazes de gerar modelos de comportamento, de

pensamento, de consumo, de valores e de crenças. Em Revolução somos conduzidos a alguns princípios de criatividade, transgressão e de subversão desses sistemas, bem como a suas contradições. Em O Modelo de Negócios, Peirano reitera a força do sistema. E como alguns hábitos e costumes internalizados dizem respeito a um modelos de negócios da internet e das redes, que se expandiu para todo mundo.

Por fim, a parte Manipulação descreve a “máquina de propaganda infinita”. Baseia-se na premissa de que a máquina de propaganda criada por Goebbles para o hitlerismo foi assimilada pelos novos sistemas de desinformação e de controle das redes. E define assim sua visão: “A diferença entre propaganda e desinformação é que a primeira usa meios de comunicação de maneiras eticamente duvidosas para convencer o receptor de uma mensagem, ao passo que a segunda inventa a própria mensagem, que está desenhada para enganar, assustar, confundir e manipular seu receptor, que acaba por abraçar seus dogmas para se libertar do medo e acabar com a confusão”. Analisa o teor nocivo do WhatsApp e descreve os grupos secretos como a próxima fronteira de manipulação da opinião pública, dos indivíduos e das instituições.

A tese defendida pela autora? As novas tecnologias da informação, sobretudo as redes sociais, desenvolveram um vício, com processos de adição psicofísicos. O termo engajamento tem aqui um valor ambíguo. Refere-se ao poder emancipador das tecnologias. E também à quantidade de tempo em que cada pessoa dispensa na internet e se engaja naquilo que está sendo veiculado pelos aplicativos. Para tanto, Peirano atualiza as teorias da psicologia comportamentalista, em especial o behaviorismo de autores como Skinner e Pavlov. Vale-se de uma imagem: a Caixa de Skinner. Esta é a imagem de um experimento realizado pelo comportamentalista e testado em animais. Peirano expande a analogia e imagina a internet e as redes como sistemas similares à caixa, unindo behaviorismo e compreensão do comportamento humano dentro das redes virtuais.

Avaliação

A obra é excelente, bem documentada, bem escrita, extremamente oportuna. A reflexão sobre tecnologia, algoritmos e sistemas de controle é a reflexão por excelência do século XXI. Na verdade, é um tema para o qual estamos extremamente atrasados, pois o impacto dessas tecnologias sobre a vida de bilhões de pessoas ainda é desproporcional ao conhecimento mínimo que a humanidade tem do funcionamento desses sistemas aos quais alienamos nossas vidas.

Não por acaso, um autor como Yuval Noah Harari se tornou um fenômeno e um best seller mundial ao tratar de big data, algoritmos e vigilância. Mas Harari é apenas um dos autores dessa bibliografia que tem crescido de modo assombroso e gerado debate em todo mundo. Haja vista as obras essenciais de Shoshana Zuboff sobre “capitalismo de vigilância”, em consonância com algumas ideias de Peirano, o trabalho de Naomi Klein, dedicado à ascensão do “capitalismo do desastre”, que tem um dos seus braços as redes e a internet, e a obra que Evgeny Morozov publicou recentemente: Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política, obra fundamental, publicada no Brasil pela Ubu, e que analisa como as novas tecnologias estão destruindo as democracias em todo mundo e criando um poder paralelo sem precedentes.

Algumas resenhas na internet criticam o livro, definindo-o como uma obra manipulacionista. Discordo dessa leitura. A ênfase crítica sobre um determinado assunto tende a expandir o aspecto negativo desse assunto. Isso é natural e seria difícil ser diferente. Como sempre, o Brasil está superatrasado nesse debate mundial, havendo poucas, para não dizer quase nenhuma obra sobre este tema. O livro de Peirano é uma referência, e precisa ser traduzido e inserido no mercado editorial brasileiro o quanto antes.

Autora

Marta Peirano é jornalista. Fundou a seção de Cultura de eldiario.es, onde foi chefe de Cultura e Tecnologia e adjunta ao diretor. Foi codiretora da Copyfight e cofundadora de Hack Hackers Berlim e da Cryptoparty Berlim. Escreveu livros sobre autômatos, sistemas de notação e um ensaio sobre vigilância e criptografia chamado *El pequeño libro rojo del activista en la red*, com prefácio de Edward Snowden. Sua fala do TED intitulada “Por que me vigiam se não sou ninguém?” supera milhões de visualizações. Pode-se ver suas ideias em debates de rádio e televisão, falando de vigilância, infraestruturas, soberania tecnológica, propaganda computacional e mudança climática. Vive entre Madrid e Berlim.